



Desafios e perspectivas de permanência no campo: um olhar para a juventude camponesa da comunidade Conceição Martins, Monte Alegre, PI

GOMES, Kauany dos Santos¹; SILVA, Valcilene Rodrigues

¹ Universidade Federal do Piauí, kauannygomes2017@gmail.com; ² Universidade Federal do Piauí, valcilene_rodrigues@ufpi.edu.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Juventudes e Agroecologia

Resumo: Este estudo investiga a realidade da juventude camponesa na Comunidade Conceição Martins, localizada no município de Monte Alegre, Piauí. O objetivo é compreender os fatores que influenciam a decisão dos jovens de permanecerem ou deixarem o campo, com foco especial nas mulheres. A pesquisa revela que a falta de oportunidades de emprego e a limitação educacional são desafios significativos enfrentados pelos jovens. Além disso, as jovens mulheres enfrentam uma carga desproporcional de trabalho doméstico e têm dificuldade em conciliar suas responsabilidades com a busca por educação e trabalho remunerado. Esses resultados destacam a necessidade de medidas para valorizar e empoderar a juventude camponesa, garantindo acesso à educação de qualidade, oportunidades de emprego e reconhecimento de seu papel fundamental na sustentabilidade do meio rural.

Palavras-chave: jovens do campo. acesso à educação. políticas públicas. migração.

Introdução

A juventude é uma categoria sociológica que representa um momento de preparação de sujeitos para assumirem o papel de adulto na sociedade. No Brasil, a atual Política Nacional de Juventude (PNJ), considera jovem todo cidadão ou cidadã da faixa etária entre os 15 e os 29 anos. Pretendemos focar o olhar desse trabalho para a juventude camponesa da comunidade Conceição Martins, município de Monte Alegre - PI, reconhecendo esses sujeitos como atores dinâmicos da sociedade, compreendendo suas diversidades, e, sabendo que ocupam um lugar de bastante relevância perante os processos sociais e continuidade de uma cultura e modo de vida. Assim, o estudo se justifica pela necessidade de se conhecer e compreender a realidade dos jovens do campo, especialmente, no que se refere a permanência ou saída de suas comunidades. Acreditamos que essa temática dialoga diretamente com o debate da agroecologia, visto que a força de trabalho juvenil e seu envolvimento nos agroecossistemas são essenciais para os processos de transição agroecológica.

Diante desse contexto, a pesquisa problematiza se os jovens que saem da comunidade, tomam essa decisão por escolha ou por falta de possibilidades para permanecer no seu seio familiar, especialmente as mulheres. Assim, nosso objetivo geral foi compreender os fatores que envolvem o processo de permanência ou saída do campo, da juventude camponesa da Comunidade Conceição Martins.



A comunidade em estudo, fica localizada no município de Monte Alegre, Piauí, com distância de 754,9 KM da capital Teresina (IBGE, 2022). Na Conceição Martins, residem atualmente 40 famílias, na qual desenvolvem diversas atividades agrícolas, como plantação de milho, mandioca, feijão, arroz, banana, melancia, entre outros. Além disso, desenvolve atividades pecuárias, como a criação bovina e ovina.

A comunidade fica a 60km do município e possui uma única instituição municipal de ensino, a Unidade Escolar Castro Alves, que oferece apenas o ensino fundamental primário, funcionando de maneira multisseriada (até o 5º ano). Vale mencionar que, após a conclusão dessa etapa de ensino, os jovens que desejam continuar os estudos precisam se deslocar cerca de 15km para a comunidade Contrato, que possui uma escola municipal oferecendo o ensino fundamental até o 9º ano. Já para ingressar no ensino médio, os jovens da comunidade Conceição Martins necessitam se deslocar cerca de 30 km diariamente para a comunidade São Dimas, que oferece o ensino médio no período noturno.

Metodologia

No que se refere à metodologia utilizada para desenvolver a pesquisa, fizemos uso de uma abordagem qualitativa (TRIVIÑOS, 1987) e quanto à natureza das fontes, nos baseamos em pesquisa de campo com realização de entrevistas abertas (DUARTE, 2004). A realização das entrevistas ocorreu entre março e abril de 2022 e se deu a partir da elaboração de dois roteiros de entrevistas. O primeiro, com 20 perguntas abertas, sobre os aspectos educacionais, sociais e produtivos dos 08 jovens da comunidade. O segundo roteiro, contendo 12 perguntas, foi direcionado a 05 jovens da comunidade, que residem atualmente na cidade. O roteiro tratou dos aspectos educacionais, profissionais, e aspectos comparativos entre o viver no campo e viver na cidade. A análise dos dados obtidos na pesquisa de campo, foi realizada a partir da categorização por eixos temáticos. Foi realizada a tabulação dos dados em planilhas do Excel para melhor compreensão, organicidade, controle e assimilação dos dados coletados.

Resultados e Discussão

Os dados da pesquisa revelam que a permanência juvenil no campo é essencial para a reprodução do campesinato. Entretanto, existem algumas dificuldades para permanência da juventude na comunidade Conceição Martins, pois os(as) entrevistados(as) reforçaram em suas falas a dificuldade para encontrar um trabalho fixo, com remuneração na localidade, o que leva a se sentirem desmotivados(as) a continuar morando na zona rural.

Ao analisar os dados da pesquisa, verificamos que os jovens gostam da comunidade, mas existe uma distinção entre a visão dos jovens homens e a percepção das mulheres em relação à vida no campo.



Quanto aos jovens do sexo masculino, a maioria deles participam de time de futebol na localidade, dizem que normalmente a sua rotina é trabalhar na roça com os pais ou fazendo diárias e empreitas na roça de outras pessoas. Já no tempo livre costumam jogar futebol, tomar banho no riacho, andar a cavalo, ir para os forrós da comunidade, visitar a casa de amigos, entre outras atividades. Eles declaram gostar dessa rotina, descrevem de forma empolgada os seus momentos de lazer, demonstrando satisfação em morar na comunidade.

No que se refere à percepção das mulheres sobre a relação delas com a comunidade, percebemos que algumas participam de grupo de jovens na igreja, e outras não estão inseridas em nenhum movimento ou espaço coletivo. Algumas jovens descrevem como momento de lazer, algum evento na comunidade como aniversário ou ir até a igreja para acessar à internet, algumas vezes na semana. De modo geral, afirmam que, basicamente, não têm tempo para atividades de lazer, visto que, dedicam a maior parte do tempo a cuidar da casa e dos filhos. A rotina da maioria dessas jovens é voltada para as atividades domésticas e atividades produtivas, principalmente, colheita dos alimentos e manejo dos arredores de casa.

É perceptível a pouca empolgação das jovens ao falarem sobre a rotina na comunidade e seus momentos de lazer. Essa condição pode estar associada ao fato de que elas têm pouco tempo para lazer e pelo fato de não encontrarem um trabalho na comunidade que lhes proporcione renda. Com isso, elas se tornam ainda mais dependentes dos pais ou companheiros, conseqüentemente, sentem mais vontade de sair da comunidade em busca de emprego.

Esses resultados, dialogam com os dados apresentados por Schwendler (2020), quando menciona que,

A divisão sexual do trabalho e a naturalização/invisibilização do trabalho da mulher são marcantes no campo, com efeitos significativos nas novas gerações [...] as atividades que se realizam no roçado, pelo fato de possibilitarem a produção de bens efetivos para o consumo familiar, são consideradas trabalho, em oposição àquelas vinculadas a casa, que não carregam este reconhecimento. (SCHWENDLER, 2020, p. 3).

A tese levantada pela autora se configura como realidade na comunidade Conceição Martins, tanto olhando para o perfil de jovens solteiras, que ainda moram com os pais, quanto para aquelas que casaram e saíram desse ambiente. Isso é perceptível no comentário de uma das jovens entrevistadas, quando questionada sobre estar trabalhando atualmente:

Eu não tô trabalhando, só vou pra roça às vezes com meu marido e agora que ele tá trabalhando na serra, eu tenho que ficar em casa pra cuidar das coisas, das galinhas, dos animais e das nossas filhas pequenas, porque ele só vem em casa de quinze em quinze dias, então não posso sair pra trabalhar.

A fala dela nos permite perceber como a invisibilização do trabalho dessas jovens é recorrente dentro do contexto no qual elas estão inseridas, fazendo elas mesmas naturalizem todo esse processo. Ou seja, paradoxalmente, o motivo de tal jovem



não poder trabalhar é justamente a grande demanda diária na qual ela tem a responsabilidade de cumprir, que, por sua vez, não possui remuneração. Constatamos, portanto, que as jovens mesmo após saírem da casa dos pais, seguem na dependência financeira de alguém, especialmente, do marido.

Sobre isso, Schwendler (2020, p. 3) afirma que,

A divisão do trabalho por sexo/gênero, que atribui o trabalho chamado 'produtivo' aos homens e o "reprodutivo" às mulheres, também dispensa os homens do trabalho doméstico, visto que a casa é institucionalizada como espaço natural da mulher.

Notamos, com isso, que as mulheres se sentem sobrecarregadas devido a sua jornada de trabalho dentro de casa e nas atividades agrícolas. No entanto, seu trabalho é visto apenas como "obrigação" ou "ajuda". Para Castro et al. (2009), a saída mais expressiva das moças do meio rural, relaciona-se à maneira como se dá a divisão do trabalho nas unidades rurais de produção e invisibilidade do trabalho doméstico realizado.

Ademais, a educação também se constitui como um fator determinante para a decisão entre ficar ou sair da comunidade, visto que, a maioria dos sujeitos participantes desta pesquisa, tem o desejo de continuar os estudos. No entanto, a comunidade oferta apenas o ensino fundamental. Para continuar, os estudantes precisam se deslocar para outras comunidades ou para a sede municipal. Além disso, existe a dificuldade do acesso ao transporte ou as condições das estradas vicinais. Uma entrevistada relata essa situação:

Estou no 3º ano, quase terminando o ensino médio, mas só estou aqui no interior porque não tenho uma casa na cidade pra poder ficar e estudar, porque ficando aqui é muito cansativo pra gente ir pra escola. (...) pra começo de história o carro nem vem até minha casa, a estrada é muito ruim, quando chove, piora ainda mais, aí tenho que ir a pé até o lugar que o carro fica, depois andar uma distância muito grande, e pra piorar, é a noite, aí quando a gente chega na escola, já está cansado do caminho, perde até a coragem pra fazer as atividades que o professor passa. Ainda tem a volta que é muito tarde, tem dias que chego em casa, já é mais de meia noite.

Perante essas circunstâncias, os jovens que têm condições para sair da comunidade, ou seja, aqueles que têm casa de familiares, amigos, ou conhecidos na cidade, optam por sair para estudar.

Diante disso, constatamos que a juventude da comunidade não conta com as condições para ter uma educação no campo e do campo, o que interfere diretamente em sua permanência no campo e, conseqüentemente, nas possibilidades de ampliar os processos agroecológicos nessa comunidade.

Conclusões

Pode-se concluir que o conceito de juventude é bastante variável e pode mudar de acordo com diferentes perspectivas e contextos sociais. Além disso, há uma



diversidade de perfis e realidades dentro desse grupo, incluindo os jovens do campo.

A pesquisa conclui que a comunidade enfrenta desafios em relação ao acesso aos meios de produção, especialmente, à terra, acesso à educação, acesso à fonte de renda local e às políticas públicas direcionadas à juventude rural, o que leva muitos jovens a buscar oportunidades no meio urbano. Por outro lado, a pesquisa conclui que os jovens que saíram da comunidade, mantêm o desejo de retorno, mas não vêm as condições adequadas à permanência no campo.

Finalizando, a pesquisa problematiza o processo de naturalização do êxodo rural e evidencia a necessidade de políticas públicas que atenda a essa parcela da população no que se refere à educação, à saúde e geração de renda, de modo que, os jovens tenham as condições de permanecer do campo.

Referências bibliográficas

CASTRO, Elisa Guaraná de et al. **Os jovens estão indo embora? Juventude rural e a construção de um ator político**. Editora da Universidade Rural (EduR), 2009.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educ. rev.** (24). Dez, 2004.

IBGE. **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. Disponível em: ><https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/monte-alegre-do-piaui/panorama><. Acesso em: 26 de março de 2023.

SILVA, Carla Regina; LOPES, Roseli Esquerdo. Adolescência e Juventude: Entre Conceitos e Políticas Públicas. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, Jul-Dez 2009, v. 17, n.2, p 87-106.

SCHWENDLER, Sônia Fátima. **A divisão sexual do trabalho no campo sob a perspectiva da juventude camponesa**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 28(1): e58051 DOI: 10.1590/1806-9584-2020v28n158051

TRIVIÑOS, A. W. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.